

estrelas da fortuna  
trilogia os guardiões – livro um  
nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para Sarah, filha do meu coração*



*Como moscas para meninos travessos, somos nós para os deuses;  
Eles matam-nos por diversão.*

— WILLIAM SHAKESPEARE



*Foi visão, ou fantasia?  
Foi-se aquela música: estou desperto, ou adormecido?*

—JOHN KEATS



# Prólogo



Certo dia, há muito tempo, num mundo para lá do nosso, três deusas reuniram-se para celebrar o nascimento de uma nova rainha. Muitos dos que tinham cruzado céus e terra, atravessado tempo e espaço, haviam levado oferendas de ouro e joias, sedas ricas e cristais preciosos.

Mas as três deusas desejavam ofertar algo mais raro.

Pensaram num cavalo alado, mas chegou-lhes a notícia de que um viajante havia voado num para o oferecer à nova rainha.

Ponderaram dotá-la de uma beleza sem precedentes, de sabedoria, ou de uma graciosidade invulgar.

Não podiam torná-la imortal e sabiam, pelos que o eram, que seria simultaneamente uma bênção e uma maldição.

Mas podiam dar-lhe um presente imortal.

— Um presente que brilhará para ela, por toda a eternidade. — Celene estava com as amigas, suas irmãs, na areia, branca como diamantes, à beira do intenso mar azul, e ergueu o rosto para o céu noturno, para a Lua deslumbrante.

— A Lua é nossa — recordou-lhe Luna. — Não podemos dar-lhe o que estamos comprometidas a honrar.

— Estrelas. — Arianrhod levantou a mão, palma para cima. Fechou os olhos, depois os dedos e, sorrindo, tornou a abri-los. Na sua palma, reluzia uma joia de gelo. — Estrelas para Aegle, a radiosa.

— Estrelas. — Celene estendeu a mão e abriu-a para revelar uma joia de fogo. — Estrelas para Aegle, que brilhará como o seu nome.

Luna juntou-se às duas e fez surgir uma joia de água. — Estrelas para Aegle, a luminosa.

— Devia haver algo mais. — Celene virou a estrela ardente na sua mão.

— Um desejo. — Luna aproximou-se mais do mar e deixou que a água depositasse beijos frios nos seus pés. — Um desejo de cada uma de nós para a rainha, incluído na estrela. Na minha, um coração forte e esperançoso.

— Uma mente forte e curiosa. — Celene levantou a estrela ardente.

— E um espírito forte e aventureiro. — Arianrhod levantou ambas as mãos; uma contendo a estrela, a outra erguida em direção à Lua. — Estas estrelas brilharão enquanto os mundos girarem.

— Derramarão a sua luz no nome da rainha para que todos vejam. — A estrela de fogo começou a elevar-se no céu, bem como as estrelas de gelo e de água.

Elevaram-se em rodópio, derramando luz sobre terra e mar, atraídas pelo poder branco e frio da Lua.

Uma sombra passou por debaixo delas, uma cobra silenciosa.

Nerezza deslizou pela praia em direção à água — uma sombra manchando a luz. — Reuniram-se sem mim, minhas irmãs.

— Tu não és uma das nossas. — Arianrhod virou-se para ela, ladeada por Luna e Celene. — Nós somos a luz, tu és a escuridão.

— Não existe luz sem escuridão. — Nerezza curvou os lábios, mas os seus olhos destilavam fúria, e com ela o desabrochar de uma loucura ainda por florescer em pleno. — Quando a Lua mingua, a escuridão devora-a. Mordida a mordida.

— A luz impera. — Luna apontou para as estrelas que voavam deixando rastros de cor. — E agora há mais.

— Vocês, como suplicantes, trazem ofertas para a rainha. Ela não passa de uma menina fraca e tola, e podíamos ser nós a governar. Devíamos ser nós a governar.

— Nós somos guardiães — recordou-lhe Celene. — Somos vigilantes, não governantes.

— Somos *deusas*! Este mundo e os outros pertencem-nos. Pensem nisso e no que conseguiríamos fazer se uníssemos os nossos poderes. Todos se curvariam perante nós e seríamos jovens e belas para sempre.

— Não desejamos ter poder sobre os mortais, nem sobre os imortais,

nem sobre os semimortais. Tais questões causam derramamento de sangue, guerra e morte. — Arianrhod rejeitou a ideia. — Desejar a eternidade é rejeitar a beleza e a maravilha do ciclo. — Levantou novamente o rosto no momento em que as estrelas que haviam criado derramavam a sua luz.

— A morte virá. Veremos esta nova rainha viver e morrer como aconteceu com a última.

— Ela viverá setecentos anos. Eu vi. E enquanto ela viver — continuou Celene —, haverá paz.

— Paz. — A palavra emergiu como um ceceio por entre os lábios desdenhosos de Nerezza. — A paz não passa de um enfadonho momento de quietude no meio da obscuridade.

— Volta para as tuas sombras, Nerezza. — Luna dispensou-a com um descuidado aceno de mão. — Esta noite é de alegria, luz e celebrações, e não tem lugar para as tuas ambições e ânsias.

— A noite é minha. — Nerezza esticou uma mão, e um raio, negro como os seus olhos, dilacerou a areia branca e o mar escuro e subiu como uma flecha em direção às estrelas em ascensão, atravessando os raios de luz momentos antes de as estrelas chegarem ao seu lugar numa suave curva na base da Lua.

As estrelas tremelicaram por um instante, e os mundos sob elas tremeram.

— O que fizeste? — perguntou Celene, girando sobre ela.

— Contribuí apenas para o vosso presente, *irmãs*. Um dia, as estrelas de fogo, de gelo e de água cairão. Tombarão dos céus com todo o seu poder, os seus desejos, a luz e a escuridão combinadas. — Nerezza riu-se e levantou os braços como se quisesse arrancar as estrelas do céu. — E quando caírem nas minhas mãos, a Lua morrerá para todos e para toda a eternidade e a escuridão vencerá.

— As estrelas não são para ti. — Arianrhod deu um passo em frente, mas Nerezza entalhou um raio negro na areia, deixando um abismo fumegante entre as duas. O fumo elevou-se para conspurcar o ar.

— Quando as tiver, este mundo morrerá com a Lua, bem como vocês. E quando eu assimilar os vossos poderes, libertarei outros há muito selados. A débil paz que vocês veneram transformar-se-á em violento tormento, em sofrimento, medo e morte. — Através do fumo, Nerezza levantou as mãos, ardendo no seu próprio desejo. — As vossas estrelas selaram as vossas sortes e concederam-me a minha.

— Estás expulsa! — Arianrhod lançou um incandescente raio azul, cortante como um chicote, que se enroscou em torno do tornozelo de Nerezza.

O grito dilacerou o ar e fez tremer o solo. Antes que Arianrhod conseguisse arrastar a escuridão para o interior do abismo da sua própria criação, Nerezza abriu umas finas asas negras e quebrou o chicote de luz enquanto se elevava no ar. O sangue que gotejava do seu tornozelo ardia e fumegava na areia branca.

— Eu faço o meu próprio destino! — gritou ela. — Voltarei para levar as estrelas e os mundos que desejo. E vocês conhecerão a morte, a dor e o final de tudo o que amam!

As asas envolveram o seu corpo e Nerezza desapareceu.

— Ela não pode fazer nada contra nós, nem contra os nossos — insistiu Luna.

— Não subestimes o seu poder, nem a sua sofreguidão. — Celene fitou o abismo negro e sentiu uma tristeza profunda. — Agora haverá aqui morte, sangue, dor e sofrimento. Ela deixou-os atrás de si como uma mancha.

— Ela não pode apoderar-se nunca das estrelas. Vamos buscá-las de imediato e destruí-las — disse Arianrhod.

— É demasiado arriscado, enquanto o poder dela tingir o ar — contestou Celene.

— Então limitamo-nos a esperar, a observar e a arriscar tudo? — replicou Arianrhod. — Permitimos que ela transforme um presente de luz em algo obscuro e mortífero?

— Não podemos permitir tal coisa. Não permitiremos. As estrelas cairão? — perguntou Luna a Celene.

— Consigo ver que sim, num clarão, mas não consigo ver quando.

— Então decidiremos nós quando e onde. Podemos fazê-lo. — Luna agarrou nas mãos das irmãs.

— Noutro lugar, noutro tempo, mas não juntas. — Anuindo com a cabeça, Arianrhod olhou para as estrelas, tão luminosas e belas sobre a terra que ela havia amado e guardado desde o início dos seus dias.

— Se cair tão-somente uma nas suas mãos, ou nas mãos de alguém como ela... — Celene fechou os olhos e abriu a sua mente. — Muitos buscarão as estrelas, o poder, a sorte... que são a mesma coisa. E o destino. É tudo o mesmo. E nós, luz refletida, devemos enviar os nossos nessa busca.

— Os nossos? — repetiu Luna. — Não vamos nós recuperá-las?

— Não, essa missão não é nossa. Sei que devemos aguardar aqui, e o destino cumprir-se-á.

— Nós decidimos o tempo e o lugar. Em silêncio — acrescentou Arianrhod. — Até nas nossas mentes. Ela não pode saber quando, nem onde as estrelas cairão.

Uniram as suas mentes, bem como as mãos, e cada uma fez a sua viagem, seguindo a sua estrela que tombava do céu. Cada uma escondeu o seu presente e envolveu-o com o poder de proteção.

E, de mentes unidas, sem proferir uma única palavra, cada uma compreendeu o que devia agora ficar nas mãos e no coração de outros.

— Agora temos de acreditar. — Luna apertou a mão de Arianrhod quando a irmã permaneceu calada. — Tem de ser. Se não acreditarmos, como acreditarão os nossos descendentes?

— Eu acredito que fizemos o que tinha de ser feito. Isso basta.

Celene suspirou. — Até os deuses devem submeter-se ao Destino.

— Ou lutar contra o que tenta destruí-los.

— Lutarás — disse Celene, sorrindo agora. — Luna confiará. E eu farei tudo o que puder para ver. Agora, aguardamos.

Juntas, ergueram os olhos em direção à Lua, que vivia no céu e na alma, e às três estrelas brilhantes que se aninhavam nela.



# Capítulo Um



Os sonhos atormentavam-na, tanto desperta como adormecida. Ela entendia os sonhos, as visões, o *saber*. Haviam feito parte da sua vida desde sempre e, durante a maior parte da mesma, ela aprendera a bloqueá-los, a afastá-los da sua mente.

Mas estes não cediam, por mais que ela lutasse contra eles. Sonhos de sangue e combate; de estranhos lugares fantasiosos. Nos mesmos, os rostos e as vozes de desconhecidos, mas de algum modo familiares, coabitavam com ela. A mulher com os ferinos e astutos olhos de lobo, o homem com a espada de prata. Ambos vagueavam pelos seus sonhos, juntamente com uma mulher que se elevava do mar a rir e o homem com a bússola dourada.

E, em todos eles, a forte presença do homem de cabelos escuros que segurava um raio nas mãos.

Quem seriam? Como é que ela os conhecia? Porque sentiria ela tão forte necessidade de os ter por perto?

Com eles caminhavam a morte e o sofrimento... ela *sabia*. Contudo, com eles vinha também a oportunidade para a verdadeira felicidade, o verdadeiro autoconhecimento. O amor verdadeiro.

Ela acreditava no amor verdadeiro... para os outros. Nunca o havia buscado pessoalmente, pois o amor era demasiado exigente, trazia demasiado caos à vida de uma pessoa. Demasiados *sentimentos*.

Ela queria, sempre quisera, paz e tranquilidade, e acreditava que as havia encontrado na sua pequena casa nas montanhas de Carolina do Norte.

Ali tinha a solidão que sempre havia procurado. Ali podia passar os dias a pintar, ou no seu jardim, sem interferências nem interrupções. Eram poucas as suas necessidades; o seu trabalho providenciava-lhe rendimento suficiente para as suprir.

Agora os seus sonhos eram assombrados por cinco pessoas que a tratava pelo nome. Porque não conseguiria ela descobrir os delas?

Desenhava os seus sonhos — rostos, mares, colinas e ruínas. Cavernas e jardins, tempestades e pores do Sol. Durante o longo inverno, enchia a sua mesa de trabalho com os desenhos e começou a fixá-los nas paredes.

Pintou o homem com o raio nas mãos, passando dias a aperfeiçoar cada pormenor; o tom e a forma exata dos seus olhos — intensos, escuros, semicerrados —, a fina cicatriz branca, semelhante a um raio, que lhe marcava a sobrancelha esquerda.

O homem estava numa falésia, acima de um mar revoltoso. O vento revolia os seus cabelos escuros. Ela quase podia senti-lo, como um bafo quente. E ele mostrava-se destemido diante da tempestade, enquanto a morte voava ao seu encontro.

De algum modo, ela estava lá com ele, igualmente destemida.

Não conseguiu dormir até o concluir, e chorou quando o fez. Receava ter perdido o juízo, que as visões fossem tudo o que lhe restava. Deixou o quadro no cavalete durante dias, enquanto ele a via trabalhar, limpar ou dormir.

Ou sonhar.

Disse a si mesma que o empacotaria e o enviaria ao agente para que fosse vendido. Molhou o pincel e assinou-o finalmente.

Sasha Riggs — o seu nome na berma do mar tempestuoso.

Mas não o empacotou. Empacotou outros, o trabalho do longo inverno, e tratou do seu transporte.

Exausta, cedeu, encolheu-se no sofá do sótão que havia convertido no seu estúdio, e deixou-se levar pelos sonhos.

A tempestade vociferava. O vento açoitava, o mar bramia, as faíscas denteadas dos relâmpagos eram lançadas do céu como flechas flamejantes de um arco. A chuva avançava numa cortina espessa desde o mar em direção ao promontório.

Mas ele continuava impávido, a observar. E estendeu-lhe a mão.

— Estou à tua espera.

— Não entendo isto, nada disto.

— Claro que entendes. Tu, mais do que a maioria. — Quando ele levou a mão dela aos lábios, ela sentiu-se simplesmente inundar de amor. — Quem se esconde de si mesmo como tu, Sasha?

— Eu só quero paz. Quero tranquilidade. Não quero tempestades, nem confrontos. Não te quero.

— Mentiras. — Curvou os lábios ao beijar de novo a mão dela. — Sabes que estás a mentir-me, a mentir a ti mesma. Quanto mais tempo continuarás a recusar-te a viver como é teu desígnio viver? A amar como nasceste para fazer?

Emoldurou o rosto dela entre as mãos e o chão tremeu debaixo dela.

— Tenho medo.

— Enfrenta-o.

— Não quero saber.

— Vê-o. Não podemos começar sem ti. Não podemos terminar antes de começar. Encontra-me, Sasha. Vem procurar-me.

Puxou-a contra si e beijou-a. Nesse momento, a tempestade desabou sobre eles com uma fúria violenta.

Desta vez, ela abraçou-a.

Sasha acordou, ainda cansada, sentou-se e pressionou com os dedos os olhos ensombrados pelas olheiras.

— Encontra-me — murmurou ela. — *Onde?* Mesmo que eu quisesse, não saberia por onde começar a procurar. — Deslizou os dedos até aos lábios e podia jurar que continuava a sentir a pressão dos dele. — Basta. Já chega.

Levantou-se rapidamente e começou a arrancar os desenhos das paredes e da mesa, atirando-os ao chão. Ia deitá-los fora. Queimá-los. Tirá-los-ia da sua casa, da sua cabeça.

Também ela sairia de casa, faria uma viagem para um lugar qualquer. Havia anos que não ia a lado nenhum. Algum lugar quente, disse a si mesma enquanto arrancava freneticamente os seus sonhos. Uma praia algures.

Conseguia ouvir a própria respiração arquejante, ver os dedos tremerem-lhe. Perto do esgotamento, sentou-se no chão entre os desenhos, uma mulher demasiado magra devido ao peso que os sonhos haviam roubado, os longos cabelos louros presos no habitual coque desgrenhado. As sombras escureciam-lhe os cristalinos olhos azuis-claros.

Sasha olhou para as suas mãos. Mãos talentosas. Sempre havia sido e seria grata por esse dom. Mas carregava outros dons, pelos quais não se sentia tão grata.

No sonho, ele havia-lhe pedido que visse. Durante quase toda a vida, ela fizera de tudo para bloquear a visão com que havia nascido.

Sim, para se esconder de si mesma, como ele dissera.

Se a abrisse, se a aceitasse, seguir-se-ia dor e sofrimento. E o conhecimento do que poderia acontecer.

Fechou os olhos.

Iria arrumar, conceder-se algum tempo. Apanharia todos os desenhos e arquivá-los-ia. Não os queimaria, claro que não. Havia sido o medo a falar.

Arquivá-los-ia e faria uma viagem. Afastar-se-ia de casa durante uma ou duas semanas, para poder pensar e decidir.

De gatas no chão, começou a recolher os desenhos e a organizá-los enquanto os apanhava. A mulher de olhos intensos, o homem com a espada, desenhos das pessoas dos seus sonhos juntas.

Paisagens marinhas e terrestres, um palácio que reluzia no cimo de uma colina, um círculo de pedras.

Pousou sobre um monte um desenho das dezenas que tinha do homem com quem havia acabado de sonhar e pegou noutro.

E soube.

Havia desenhado, de várias perspetivas, a ilha em forma de foice, e aquele desenho mostrava os seus altos penhascos, as ondulantes colinas densas de arvoredo. Mostrava-a a flutuar no mar, banhada pelo sol. Os edifícios misturavam-se para formar uma cidade em primeiro plano, e a extensão de terra, repleta de montanhas, prolongava-se na distância.

O desenho a carvão adquiriu cor e vida enquanto ela o examinava. Tanto verde, em milhares de tons, desde o suave ao esmeralda. Tanto azul, intenso e escuro, ou espumoso com as ondas que o rodeavam. Viu barcos navegando, silhuetas lançando-se de molhes para nadar e chapinhar na água.

E viu o promontório onde havia estado com ele aquando da chegada da tempestade.

— Muito bem, irei. — E indagou-se se estaria a ceder, ou a enfrentar a situação. Mas iria, procuraria.

E isso ditaria o fim dos seus sonhos, ou trar-lhes-ia vida como o desenho ganhara vida nas suas mãos.

Aproximou-se da pequena escrivadinha e abriu o computador portátil. E reservou um voo para Corfu.

O facto de se ter concedido apenas dois dias para fazer as malas, organizar as coisas e fechar a casa fez com que não pudesse mudar de ideias. Dormiu no avião, um sono sem sonhos, grata pelo descanso. E, ainda assim, a viagem de táxi desde o aeroporto até ao hotel que havia escolhido perto do centro histórico da cidade era um borrão na sua mente. Desorientada, fez o registo, esforçando-se por se lembrar de sorrir, de trocar as habituais palavras de cortesia com o rececionista e com o animado paquete de olhos alegres e sotaque cerrado enquanto subiam no pequeno elevador em direção ao seu quarto.

Não havia pedido um andar, nem nenhuma vista em particular. Já bastava ter dado aquele passo, onde quer que a levasse. Mas não ficou surpreendida, de todo, quando, ao entrar no quarto, no qual mal reparou, se viu diante das janelas, do mar azul e da extensão de areia que tão bem conhecia.

Recusou com um sorriso a oferta do paquete em ir buscar-lhe gelo, ou qualquer outra coisa que desejasse. Só queria estar de novo a sós. Os aeroportos, o avião, tantas pessoas. Continuava a sentir-se sufocada.

Sozinha, aproximou-se da janela, abriu-a para sentir o fresco ar primavera que cheirava a mar e flores, e estudou o cenário que havia desenhado semanas antes e que transportava com outros num portefólio dentro da sua mala.

Não sentia nada, não agora, para além do aturdimento do jet lag e do cansaço da viagem. E algum espanto por ter realmente conseguido viajar até tão longe por impulso.

Virou costas e desfez as malas para conseguir situar-se e pôr a cabeça em ordem. Depois deitou-se simplesmente na cama e adormeceu outra vez.

Relâmpagos e tempestades, a pulsação do Sol, a cadência das ondas do mar. Três estrelas tão luminosas e brilhantes que lhe faziam arder os olhos. Quando saíram disparadas da curva da Lua e caíram em feixes de luz, o mundo estremeceu com o seu poder.

Sangue e combate, medo e fuga. Subindo bem alto e mergulhando nas profundezas.

O amado do seu sonho apossando-se da sua boca, possuindo o seu

corpo, fazendo-a transbordar de sensações. Tantas. Demasiadas. Nunca suficientes. O seu próprio riso, mal reconhecível, fruto da felicidade. Lágrimas derramadas, fruto do sofrimento.

E uma luz atravessou a escuridão. Na escuridão, ela segurava fogo numa mão. Quando o ergueu, para que todos vissem, a terra tremeu, as rochas desabaram. Alguma coisa furiosa lançou-se sobre ela com garras e dentes.

*Por amor de Deus, Sasha, acorda! Mexe-me esse rabo!*

— O quê? — Sasha acordou sobressaltada, a voz ecoando ainda na sua cabeça, o coração ainda a bater de medo.

Era apenas mais um sonho, disse a si mesma. Apenas mais um sonho a acrescentar à sua coleção.

A luz havia suavizado e parecia agora seda sobre a água. Ela não fazia ideia de quanto tempo havia dormido, mas a voz do sonho tinha razão numa coisa: estava na hora de acordar.

Tomou um duche e vestiu roupa lavada. Como não ia trabalhar, deixou os cabelos soltos. Depois obrigou-se a sair do quarto. Desceria e sentar-se-ia no terraço a tomar uma bebida. Fora até ali. Abandonara a sua tranquilidade e a sua solidão e fora até ali.

Agora, algo, ou alguém, precisava de ir ao seu encontro.

Foi até ao exterior e passou, sem pressa, por debaixo de uma pérgula densamente forrada de glicínias que já começavam a florescer. O seu aroma seguiu-a quando se afastou da piscina, com espreguiçadeiras de lona alinhadas à sua borda, em direção a um terraço de pedra. Vasos de barro, gloriosamente apinhados de flores de intensos tons de vermelho e púrpura, resplandeciam sob o Sol que se deslocava para oeste. As frondes das palmeiras permaneciam imóveis.

Mesas à sombra de guarda-sóis — todos de um branco imaculado — salpicavam o piso de pedra. Ela reparou que apenas algumas estavam ocupadas e deu graças por isso. Podia não ter a sua solidão, mas teria sossego. Pensou em sentar-se numa ligeiramente à parte das outras e começou a desviar-se.

A mulher também estava sentada um pouco à parte. O seu curto cabelo castanho aclarado pelo sol tinha uma longa franja que lhe tocava nas lentes âmbar dos óculos de sol. Estava recostada, com os ténis laranja-vivo apoiados na outra cadeira da sua mesa para dois, enquanto bebericava algo espumoso de uma flute de champagne.

A luz cintilou por um momento e o coração de Sasha palpitou. Ela

sabia que estava a fitá-la, mas não conseguia parar. E compreendeu porquê, quando a mulher baixou os óculos de sol e a fitou por cima deles.

Os olhos de um lobo, dourados e ferinos.

Sasha combateu o impulso de dar simplesmente meia-volta, de voltar para a segurança do seu quarto. Em vez disso, obrigou-se mentalmente a avançar e aproximou-se enquanto aqueles olhos dourados a avaliavam.

— Desculpe — começou ela.

— Porquê?

— Eu... Conhece-me?

A mulher levantou as sobrancelhas sob a longa franja. — E deveria conhecer?

*Eu conheço a tua cara, pensou Sasha. Vi-a inúmeras vezes.*

— Posso sentar-me?

A mulher inclinou a cabeça, prosseguiu com o seu calmo e impávido exame e deslizou descontraidamente os pés de cima da cadeira. — Claro, mas se estás a pensar fazer-te a mim, à exceção de uma única experiência nos tempos de faculdade, eu só fico com homens.

— Não, não é isso. — Sasha sentou-se e tentou orientar-se. Antes que isso pudesse acontecer, um empregado, de jaqueta branca, parou junto da mesa.

— *Kalispera*. Posso trazer-lhe uma bebida, menina?

— Sim. Na verdade, sim. Ah... o que está a beber?

A mulher levantou o copo. — *Bellini* de pêssego.

— Soa-me bem. Quer outro? Eu pago-lhe uma bebida.

Debaixo da sua espessa franja, a mulher ergueu as sobrancelhas. — Claro.

— Então, dois. Obrigada. Chamo-me Sasha — disse ela quando ele se afastou para ir buscar o pedido. — Sasha Riggs.

— Riley Gwin.

— Riley. — *Um nome*, pensou ela, *a acompanhar o rosto*. — Eu sei como isto vai soar, mas... Eu sonhei consigo.

Riley bebeu mais um gole e sorriu. — Parece mesmo que estás a fazer-te a mim. E és bastante bonita, Sasha, mas...

— Não, não. Digo literalmente. Reconheci-a porque sonho consigo há meses.

— OK. O que é que eu estava a fazer?

— Não espero que acredite em mim. Mas é por causa dos sonhos

que aqui estou, em Corfu. Não... espere. — *Os desenhos*, pensou ela, e levantou-se.

Afinal, uma imagem valia mais que mil palavras.

— Quero mostrar-lhe uma coisa. Espera aqui até eu voltar?

Riley limitou-se a encolher os ombros e levantou o copo. — Vem mais um a caminho, por isso ainda ficarei aqui um bocado.

— Cinco minutos — prometeu Sasha, e afastou-se apressadamente.

Enquanto bebericava a sua bebida, Riley refletiu. Conhecia bem os sonhos e não descartaria a hipótese. Havia visto e experienciado demasiadas coisas na sua vida para descartar fosse o que fosse.

E a tal Sasha Riggs parecia-lhe sincera. Nervosa, tensa, mas sincera. Ainda assim, ela também tinha os seus motivos para estar em Corfu, e estes não incluíam aparições nos sonhos de outrem.

O empregado de mesa regressou com uma bandeja e pousou as bebidas, uma tacinha com azeitonas gordas e outra com frutos secos. — A outra senhora? — perguntou ele.

— Esqueceu-se de uma coisa. Volta já. — Riley entregou-lhe o copo vazio. — *Efkharisto*.

Provou uma amêndoa, voltou a contemplar o mar e tornou a desviar o olhar quando ouviu os passos apressados de umas sandálias de cunha sobre o piso de pedra.

Sasha voltou a sentar-se com um portefólio em pele nas mãos. — Sou uma artista — começou ela.

— Parabéns.

— Tive estes sonhos durante todo o inverno. Começaram logo na primeira noite do ano. Todas as noites. — Também os tinha acordada, mas não estava preparada para partilhar esse facto. — Eu desenhei as pessoas e os lugares que entravam recorrentemente nos meus sonhos. — Abriu o portefólio e escolheu o desenho que a havia levado ali. — Desenhei isto há umas semanas.

Riley pegou no desenho e contraiu os lábios enquanto o examinava. — És boa, e sim, isto é Corfu.

— E esta é você.

Sasha pousou um desenho, de corpo inteiro, de Riley. Esta usava umas calças camufladas, botas de montanha, um desgastado blusão de cabedal e um chapéu de aba larga. Tinha a mão pousada no cabo da faca embainhada no cinto.

Quando Riley pegou no desenho, Sasha pousou outro sobre a mesa.

— E esta também. — Desta vez, um desenho de meio-corpo, de Riley olhando em frente com um sorriso nos lábios.

— O que é isto? — perguntou Riley em voz baixa.

— Não sei, e precisava de descobrir. Pensei que estava a enlouquecer. Mas você é real e está aqui. Como eu. Quanto aos outros, não sei.

— Que outros?

— Somos seis, incluindo eu. — Sasha voltou a abrir o portefólio. — Trabalhamos juntos, viajamos juntos.

— Eu trabalho sozinha.

— Eu também. — Sasha sentia-se animada agora, simultaneamente justificada e um pouco louca. — Eu não conheço nenhum deles. — Estendeu outro desenho. — Tenho desenhos individuais de todos, outros com alguns de nós juntos e mais com todos, como este. Eu não os conheço.

O desenho mostrava Riley, vestida de modo muito semelhante ao anterior, e Sasha de botas, calças e panamá, em vez das sandálias e do vestido leve que usava naquele momento. Outra mulher de cabelos até à cintura e três homens. *Três homens atraentes*, pensou Riley, todos juntos num trilho no meio de uma floresta, agrupados como que em pose para uma fotografia.

— Tu... Sasha, certo?

— Sim. Sim, chamo-me Sasha.

— Bem, Sasha, sabes certamente sonhar com homens. São todos uma brasa.

— Eu nunca os vi, fora dos sonhos. Mas sinto... Eu conheço-os, conheço todos os que estão aqui. E este...

Incapaz de resistir, Sasha tocou na figura que estava ao seu lado, de anca espetada e polegar enfiado no bolso da frente das calças de ganga desbotadas. Maçãs do rosto salientes, cabelos escuros — ela sabia que eram de um castanho muito escuro — cujos caracóis se estendiam para lá do decote da *t-shirt*. O seu sorriso era confiante e charmoso... e um tanto misterioso.

— O que tem este? — perguntou Riley.

— Tem um raio na mão. Não sei se será um símbolo, nem o que significará. E sonho que nós... que nós...

— Sonhos escaldantes? — Divertida, Riley olhou mais atentamente para ele. — Poderia ser bem pior.

— Se é para ter sonhos escaldantes com um homem, gostava de jantar primeiro.

Riley soltou uma forte gargalhada. — Que diabo, uma miúda pode comer em qualquer altura. És uma caminhante de sonhos, Sasha?

— Caminhante de sonhos?

— Algumas culturas utilizam esse termo. Tens sonhos proféticos? Porquê calares-te agora? — perguntou Riley quando Sasha hesitou. — Já me disseste que fazes sexo com desconhecidos, e nem sequer tomaste ainda a tua bebida.

— Não preciso de estar a dormir para sonhar. — *Sim*, pensou Sasha, *para quê calar-me agora?* — E, sim, costumam ser proféticos. Eu sabia que o meu pai se iria embora, antes de ele ter saído pela porta quando eu tinha doze anos. Ele não conseguiu suportar o que eu sou. Eu não controlo isto; não consigo ver quando quero, nem deixar de ver quando quero.

Sasha pegou no copo e bebeu, e ficou à espera da desconfiança ou do escárnio.

— Alguma vez trabalhaste nisso com alguém?

— O quê?

— Já trabalhaste alguma vez com outro caminhante de sonhos? Já tentaste aprender a bloquear ou a abrir-te a esse dom?

— Não.

— Pareces-me mais esperta que isso. — Riley encolheu os ombros. — São só visões, ou também lês mentes?

Foi como se lhe tivesse perguntado se ela pintava a óleo ou a acrílico. A emoção provocou um nó tão espesso na garganta de Sasha que ela mal conseguiu falar. — Acredita em mim...

— Porque não acreditaria? As provas estão em cima da mesa. Consegues ler mentes e consegues controlar isso?

— Não leio mentes. Leio sentimentos, o que é igualmente esclarecedor. Consigo controlar isso, a não ser que os sentimentos sejam tão intensos que consigam abrir caminho.

— O que estou eu a sentir neste momento? — Perante a hesitação de Sasha, Riley abriu os braços. — Sou um livro aberto, por isso lê-o.

Sasha concentrou-se por um momento. — Sente alguma compaixão e curiosidade a meu respeito. Está descontraída, mas alerta. Costuma estar alerta. Sente necessidade de algo que sempre esteve fora do seu alcance. É frustrante, especialmente porque gosta de vencer. Sente-se um tanto carente sexualmente neste momento, porque não se tem preocupado com o assunto... sentiu que tinha tempo para satisfazer essa necessidade. O trabalho preenche-a; os riscos, a aventura, as suas exigências. Conquistou

a sua autoconfiança e não teme muita coisa. Quando o medo surge, é mais emocional do que físico.

»Tem um segredo — murmurou Sasha. — Bem guardado. — Sasha recuou subitamente e franziu o sobrolho. — Pediu-me para ver, quase insisti, por isso não fique chateada por eu o fazer.

— Tens razão. E já chega.

— Sou a favor da privacidade. — Ela nunca havia lido ninguém tão abertamente, tão premeditadamente. Isso deixou-a corada e ligeiramente envergonhada. — Não costumo vasculhar os segredos das pessoas.

— Eu também sou a favor da privacidade. — Riley levantou novamente o seu copo. — Mas adoro vasculhar.

— O seu trabalho traz-lhe muito orgulho e grande satisfação. O que faz?

— Isso depende. Mas, essencialmente, sou arqueóloga. Gosto de procurar coisas que mais ninguém consegue encontrar.

— E quando as encontra? O que faz com elas?

— Isso também depende.

— Encontra coisas... — Sasha anuiu com a cabeça, quase relaxada. — Esse deve ser um dos motivos.

— Para quê?

— Para estarmos aqui as duas.

— Eu tenho um motivo para estar aqui.

— Mas neste momento, neste lugar? — Sasha apontou novamente para os desenhos. — Sei que precisamos de procurar, que precisamos de encontrar...

— Se queres a minha atenção, tens de desembuchar.

Em vez de falar, Sasha tirou outro desenho da pasta. Uma praia, um mar sereno, um palácio numa colina; tudo sob uma lua cheia branca.

E, curvadas sob a Lua, brilhavam três estrelas.

— Não sei onde fica isto, mas sei que estas três estrelas, estas perto da Lua, não existem. Não sou astrónoma, mas sei que não estão ali. Sei apenas que estiveram, por alguma razão estiveram. E sei que caíram. Veja este. — Pousou outro desenho na mesa. — As três caindo ao mesmo tempo, deixando uns rastros semelhantes aos dos cometas. É nossa missão encontrá-las.

Sasha ergueu os olhos e viu os de Riley, ferinos e frios, fixos nos seus.

— O que sabes tu acerca das estrelas? — perguntou Riley.

— Estou a dizer-lhe o que sei.

Num movimento rápido, Riley estendeu a mão e agarrou no pulso de Sasha. — O que sabes tu acerca das Estrelas da Fortuna? Quem diabo és tu?

Embora sentisse o estômago a tremer, Sasha obrigou-se a manter os olhos fixos nos ferinos e ordenou-se a não tremer a voz.

— Já lhe disse quem sou. Estou a dizer-lhe o que sei. Você sabe mais sobre as estrelas. Sabe o que são. Já anda à procura delas; é por isso que aqui está. E está a magoar-me o braço.

— Se eu descobrir que estás a enganar-me, magoar-te-ei mais do que o braço. — Mas soltou-a.

— Não me ameace! — O súbito acesso de fúria apanhou-a de surpresa. — Para mim, chega! Não pedi nada disto, não quero isto. Só queria viver em paz e pintar. Que me deixassem em paz para trabalhar. De repente, você e os outros apinham-me os sonhos; você e estas estrelas malditas que não entendo. Sei que uma delas está aqui, tal como sei que encontrá-la não será pacífico. Não sei lutar, e vou ser obrigada a fazê-lo. Sangue e combate, sonhos cheios de sangue, de luta e sofrimento.

— Agora está a começar a ficar interessante.

— É assustador e eu quero afastar-me de tudo isto. Mas acho que não consigo. Tive uma na minha mão.

Riley inclinou-se para diante. — Tiveste uma das estrelas na mão?

— Num sonho. — Sasha virou a palma para cima e fitou-a. — Segurei-a, segurei o fogo. E era tão belo que cegava. Então, apareceu.

— O que é que apareceu?

— A obscuridade, a ânsia, a crueldade.

Subitamente, Sasha sentiu-se nauseada, zozna. Embora se debatesse, o que se movia através dela venceu.

— Aquela que é escuridão e cobiça. Ter o que deseja consome-a. A que deseja corromper o que as três luas criaram com amor, lealdade e esperança. Ela queimou os seus dons e toda a luz do seu poder, e o que resta é a loucura. Está disposta a matar para as possuir: fogo, gelo, água. Possuindo-as, destruirá mundos, destruirá tudo para viver. — Sasha levou as mãos à cabeça. — Dor de cabeça.

— Isso acontece com frequência?

— Faço tudo o que posso para impedir.

— E provavelmente é por isso que estás com dor de cabeça. Não podes lutar contra a tua natureza, acredita em mim. Tens de aprender a controlá-la e a adaptar-te. — Riley olhou para o empregado de mesa e girou um dedo no ar. — Vou pagar mais uma rodada.

— Acho que não devo...

— Come uns frutos secos. — Riley empurrou bruscamente a tigela.  
— É impossível que estejas a fingir isto; ninguém é assim tão bom. E tenho uma boa intuição no que toca às pessoas... não empática, mas fiável. Por isso, vamos beber mais um copo, falar mais um pouco acerca disto e depois decidir o que faremos.

— Vai ajudar-me.

— A meu ver, vamos ajudar uma à outra. A minha pesquisa indica-me que a Estrela de Fogo está dentro ou nos arredores de Corfu, e os teus sonhos corroboram isso. Podes ser-me útil. Agora...

Riley calou-se subitamente e passou uma mão pela franja enquanto olhava por cima da cabeça de Sasha. — Ora, ora... isto está cada vez mais interessante.

— O que é?

— O encontro dos nossos sonhos — disse Riley, fazendo um sorriso propositalmente sedutor e curvando um dedo no ar.

Sasha virou-se na cadeira e viu-o. O homem que segurava o raio nas mãos. O que havia possuído o seu corpo.

Os seus olhos, profundamente escuros, desviaram-se dos de Riley e fixaram-se nos dela. E, sem os desviar, aproximou-se da mesa delas.

— Meninas. Vista espetacular, não é?

A sua voz, num descontraído sotaque irlandês, provocou um arrepio na pele de Sasha. Ela sentiu-se encurralada, como se uma reluzente gaiola prateada tivesse caído ao seu redor.

E quando ele sorriu, ela suspirou.

— De onde vens, irlandês? — perguntou Riley.

— Sligo. Uma pequena aldeia da qual nunca deves ter ouvido falar.

— Ficarias surpreendido.

— Cloonacool.

— Conheço. Fica no sopé das montanhas Ox.

— Pois fica. Muito bem. — Agitou a mão e ofereceu a Riley o pequeno punhado de trevos que fez surgir na sua palma. — Um presente da minha terra longínqua.

— Bonitos.

— Americanas? — Voltou a olhar para Sasha. — As duas?

— Assim parece. — Riley viu-o desviar o olhar e pousá-lo nos desenhos. E não disse nada quando ele agarrou no que tinha as seis pessoas.

*Não está chocado, pensou ela. Está intrigado.*

— Mas que fascinante. Tu és a artista? — perguntou ele a Sasha. — Tens muita habilidade e bom olho. Dizem o mesmo de mim. — Sorriu. — Posso fazer-vos companhia? — Sem esperar por consentimento, foi buscar uma cadeira a umas das mesas vizinhas e sentou-se. — Eu diria que temos muito que conversar. Chamo-me Bran. Bran Killian. E se vos oferecesse uma bebida e falássemos sobre a Lua e a estrelas?